

1910

# Os Pataxós querem mais terras

Estão em dificuldades e exigem os 36 mil hectares a que tinham direito em 1926



Os índios reclamam que a área da Fazenda São Lucas é pequena para toda a comunidade

O conflito entre os índios Pataxós Hã-Hã-Hã e fazendeiros, no sul do Estado, só deverá terminar mesmo quando o Governo decidir a questão da posse de terras e manter intensa fiscalização na área, até que o tempo apague as divergências. Os Pataxós Hã-Hã-Hã, cerca de 800, que hoje ocupam a fazenda São Lucas, em Pau Brasil, querem ganhar a disputa por área de 36 mil hectares

com aproximadamente 800 fazendeiros.

O clima continua tenso naquela região e os índios reclamam que muitos outros não vieram para a fazenda porque ela é pequena. Os fazendeiros advertem que a situação poderá se agravar caso os Pataxós ocupem os 36 mil hectares. E já preparam até um manifesto à nação, explicando seus motivos de preocupação.

Enquanto o conflito não é resolvido, os Pataxós Hã-Hã-Hã cultivam mandioca, aipim... e caçam pássaros, tatus e outros animais, para sobreviver na fazenda São Lucas. Eles enfrentam grandes dificuldades devido à falta de água. Um projeto agrícola, na área da reserva, será executado pelos índios, com apoio de técnicos da Funai. Texto: Kleber Torres; fotos: Mário Queiroz.

PAU BRASIL — Os índios Pataxós Hã-Hã-Hã estão satisfeitos com a medida do Tribunal Federal de Recursos mantendo o interdito proibitório, que lhes permite continuar ocupando a fazenda São Lucas, retomada há um ano e meio, mas querem muito mais. Eles querem ganhar o litígio com cerca de 800 fazendeiros e com isto passar a ocupar inteiramente uma área de 36 mil hectares, o que tem gerado na área um forte clima de tensão e de hostilidade com os fazendeiros.

Hoje, segundo estimativas do cacique Saracura, estão na fazenda São Lucas cerca de 800 índios, entre homens, mulheres e crianças, existindo muitos outros indígenas sem terra, que ainda não vieram para a área, porque a fazenda é pequena para um maior número de pessoas, medindo apenas 1,4 mil hectares.

Em contrapartida, os fazendeiros da área pretendem contra-atacar, lançando um ma-

nifesto à Nação onde relatam a situação da área e os problemas que poderão advir com a ocupação dos 36 mil hectares que estão sendo pretendidos pelos indígenas, onde está um rebanho de 100 mil cabeças de gado e se colhe 400 mil arrobas de cacau.

Este documento terá o aval do Conselho Consultivo dos Produtores de Cacau e foi sugerido pelo agricultor Marcos Vanderlei, durante a última reunião plenária daquele colegiado, que falou em nome dos sindicatos rurais patronais de Itapetinga, Itajó do Colônia, Pau Brasil e Camacã.

Vanderlei criticou a falta de coesão dos fazendeiros da área, que deixaram Gener Pereira Rocha, "proprietário da fazenda São Lucas como bode expiatório de um problema que pode afetar a mais de 800 agricultores". Também criticou o ex-governador Antônio Carlos Magalhães, que sabia com certa antecipação sobre a retomada da área e nada fez para impedir e, ao Ministro do Interior,

Mário Andreazza, "que nos ouviu paternalmente, nos deixando confiantes que seria dada uma solução ao impasse, o que não foi feito".

Ele também criticou a omissão da Federação de Agricultura do Estado da Bahia, a quem denominou de inoperante e ao próprio CCPC, "que não fez a metade do que deveria ter feito para nos ajudar. Hoje, estamos pagando por sermos ordeiros e por esperar pelo Governo, pois jamais fechamos estradas como os agricultores do Sul do País, mas, agora, estamos chegando à beira do abismo, onde de um lado estão os fazendeiros, que querem defender as suas terras e de outro estão os índios fermentados socialmente".

— Sei que estamos à beira de um conflito armado se o governo não assumir uma posição correta.

Também criticou ao CIMI e à CNBB, "que, ligados à Igreja Progressista, sempre buscam apoiar a quem dá mais Ibope".

## Água, dificuldade constante

FAZENDA SÃO LUCAS — O dia começa muito cedo para a maioria dos indígenas que moram na Fazenda São Lucas, em Pau Brasil, e que têm como principal problema a falta de água potável, porque embora a propriedade tenha uma área de 1,4 mil hectares, não conta com nascentes e represas que assegurem o abastecimento adequado para os 800 habitantes da área e para menos de 60 cabeças de gado, que têm como único reservatório disponível, uma pequena lagoa de águas barrentas.

Para o indígena Odilon Vieira Santos, casado, 38 anos, cinco filhos, sendo o mais velho de 12 anos e o mais moço de apenas três anos, "todos os dias eu acordo às cinco horas da manhã, tomo um café puro e vou para a roça, onde cultivo mandioca, aipim e qualquer tipo de maniva". Ele tem uma plantação de mandioca há oito meses, e só não colheu este ano feijão e milho, devido a estiagem nos meses de janeiro e março.

Agora, ele está plantando uma pequena horta próxima a lagoa e "estou esperando o tempo levantar — ou seja, que passem as chuvas que vêm caindo no Sul da Bahia — para plantar mandioca, batata, milho, feijão e se possível, arroz, numa área de baixada porque se nós plantarmos teremos de tudo". Ele acha também que apesar da falta de água, que considera o principal problema da reserva, "estamos nos dando bem nestas terras que são nossas, pois muitos índios saíram corridos daqui por isto passamos muita necessidade e precisão".

— Aqui nós queremos plantar tudo o que for possível e além do feijão e da mandioca, também queremos plantar mais cacau e café tudo enfim.

Por outro lado o dia de Manoel Rodrigues Pataxó, de 17 anos, é um pouco diferente. Ele sai para caçar pássaros, tatu, paca ou qualquer animal com uma espingarda, em companhia de um garoto de 13 anos, armado de badoque. Ele também

considera que a falta de água potável é um problema muito sério "pois a que dispomos é barrenta, salgada e para ser usada para beber tem de ser coada pelo menos duas vezes".

— No início do ano, com a estiagem, tivemos de receber água do Corpo de Bombeiros de Ilhéus, que fazia regularmente o transporte do produto. Aqui ainda vivemos um aperto doído e esperamos que a Funai libere as terras para nós, porque aqui tem muito índio e pouca terra. Na minha casa, que é um pequeno barraco, vivem cerca de 20 pessoas de três famílias, o que piora a situação.

Ele informou que o leite produzido por menos de 60 cabeças de gado existentes na fazenda é pouco, atendendo em parte as mulheres e crianças, ele negou que os índios estivessem abatendo o gado para alimentar-se da carne. "Nós não somos loucos de acabar com o rebanho. Também não estamos arrancando cacau, o que é um crime,

nem as cancelas para fazer lenha, porque as matas nesta área ainda são abundantes".

Utilizando-se de uma parrelha de búfalos, Manoel Pereira 31 anos duas filhas, estava transportando duas toras de pau para a construção de mais uma casa na Fazenda São Lucas. Ele explicou que vem plantando milho, feijão, mandioca e banana, mas dois ou três plantios que fizemos no início do ano o sol matou. Agora, como está chovendo bem, o tempo está prometendo muito".

No transporte da madeira, ele foi auxiliado por Roque Antônio Souza, 26 anos, que conseguiu matar um Luis-Cachoeiro — porco do mato — de tamanho pequeno que iria ser tratado transformado num assado, servindo para a sua alimentação de mais cinco filhos, além da sua mulher, a quem caberia fazer a refeição.

Com a concessão da liminar pelo Tribunal Federal de Recursos que

assegura a manutenção dos Pataxós Hã-Hã-Hã na fazenda São Lucas, os índios vão executar com o auxílio de dois técnicos agrícolas da Funai um projeto agrícola na área da reserva, plantando cereais e hortifrutigranjeiros. O Cacique Saracura não é favorável, ao plantio de mais áreas com cacau e justifica:

— Nunca vi cacau como alimento na mesa de ninguém e nunca vi ninguém se alimentando só de cacau. Nesta terra nós vamos plantar é alface, abóbora, quiabo, mamão e outros alimentos, que é o que o povo come.

Os dois técnicos agrícolas que a Funai mantém na área estão assessorando os índios em vários plantios e informam que até setembro foi colhida uma boa quantidade de hortifrutanjeiros e de feijão, cujo volume não dá para ser estimado, pois foi consumido em sua maior parte internamente e os excedentes foram

comercializados na feira livre de Pau Brasil.

Desde quinta-feira um trator da Funai está arando e gradeando uma extensa área de terras na Fazenda São Lucas, onde serão plantados 30 hectares de milho e feijão além de mais 10 hectares de arroz numa baixada, que também será preparada para o cultivo. Na fazenda existem cerca de 10 hectares de hortas esparsas, plantadas em áreas de 100 a 200 metros quadrados cada, que servem para a alimentação das diversas famílias ali instaladas.

A produção de cacau da área este ano não foi levantada mas no último corte foram colhidos 144 hectares. Os técnicos da Funai reconhecem que a falta de chuvas e escassez de água tem sido fatores limitantes aos projetos agrícolas mas isto poderá ser resolvido com a construção de cacimbões e a perfuração de poços artesianos, com apoio técnico da Sudene.